

Ciência deveria ser prioridade agora, dizem pesquisadores

Especialistas lamentam diminuição de bolsas e o recente anúncio, pelo governo federal, de redução de 42% no orçamento

GUILHERME JUSTINO

guilherme.justino@zerohora.com.br

No momento em que profissionais de saúde e cientistas se tornam protagonistas no combate à pandemia, o governo brasileiro faz cortes que afetam diretamente quem está mobilizado na procura por uma cura para a covid-19. Após sucessivos congelamentos de despesas e redução de bolsas de pesquisa, foi anunciado, no final de março, um corte orçamentário de 42% em ciência e tecnologia.

Por causa da crise econômica, R\$ 29,6 bilhões devem ser congelados das despesas previstas para este ano pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). Em carta conjunta, entidades como a Academia Brasileira de Ciências (ABC), o Conselho Nacional de Secretários Estaduais para Assuntos de Ciência e Tecnologia e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) lamentaram: "Se essas restrições orçamentárias não forem corrigidas a tempo, serão necessárias muitas outras décadas para reconstruir a capacidade científica e de inovação do país".

Apesar das dificuldades, profissionais brasileiros têm promovido avanços importantes no combate ao corona. Especialistas destacam o sequenciamento do vírus SARS-CoV-2 em tempo recorde, 48 horas, graças à estruturação de redes de pesquisas sobre arbovírus como zika, chikungunya e dengue, possibilitada por recursos públicos aplicados há alguns anos.

A sociedade, no entendimento dos pesquisadores, apoia a ciência: no dia 7, foi promovida a Marcha Virtual Pela Ciência. Durante a mobilização, houve um alento inesperado: o ministro Marcos Pontes, anunciou, em vídeo, a liberação de R\$ 352 milhões para projetos de pesquisa, inovação e infraestrutura no combate a pandemias.

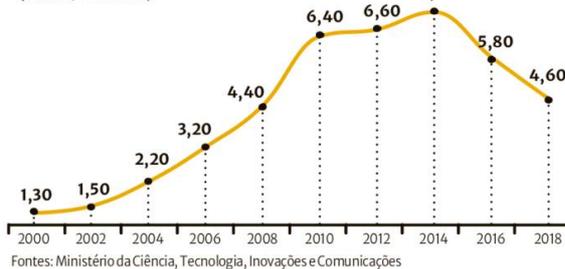
Para organizações científicas, isso é muito pouco. Luiz Davidovich, presidente da ABC, diz que os cortes prejudicam a formação de pesquisadores que poderiam contribuir, por exemplo, para o desenvolvimento de remédios ou tecnologias para aumentar a segurança de barragens.



"Abrir mão do investimento em pesquisa é condenar o Brasil à irrelevância mundial", afirma cientista

Gastos do Ministério da Ciência e Tecnologia

(em R\$ bilhões)



Fontes: Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações

Situação do CNPq

- O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) é a principal agência de fomento à pesquisa científica do país e está subordinado ao MCTIC. Fornece cerca de 80 mil bolsas, bancando 11 mil projetos
- No início do ano, já havia rombo de R\$ 300 milhões no orçamento, o que viabilizaria pagar bolsas só até setembro

- No final de abril, um decreto estabeleceu o contingenciamento de 42,2% das verbas previstas
- O último concurso público foi em 2012. À época, o CNPq tinha 700 funcionários. Hoje, são 417, sendo que 45 estão cedidos para outras áreas e 74 já estão aptos à aposentadoria

– Para combater a crise, o governo prefere reduzir a relação entre a dívida e o PIB. Outros países apostam no aumento do PIB, e isso significa dar recursos para a ciência e a tecnologia – afirma Davidovich.

Pesquisadores dizem que é preciso deixar de considerar a ciência algo secundário. E entender que o método científico demanda preparação, análise, testes, validação por pares, protocolos: ações demoradas, mas que garantem a confiabilidade. Um caminho recomendado é investir mais em agências de fomento à pesquisa e valorizar meios de empresas privadas também aportarem recursos às universidades, inclusive as públicas.

Evasão

Presidente da SBPC e professor do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Ildeu de Castro Moreira

aponta que os cortes orçamentários têm dificultado a manutenção de laboratórios e centros de pesquisa. O resultado, estima, será a evasão de cérebros – seja para outras áreas, seja para outros países.

Luiz Eugênio Mello, professor de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e novo diretor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), diz que o Brasil vinha melhorando no aporte de recursos para a ciência e tecnologia e para pesquisa e desenvolvimento. Mas, por razões financeiras e de definição de prioridades, esse percentual caiu, ficando muito abaixo do investido por EUA, Japão e países da Europa.

– A sociedade já reconhece que a ciência é importante. Agora os governantes têm de saber que isso exige investimento de longo prazo, nada na pesquisa acontece de dia para a noite – destaca Mello.

Para Davidovich, os países desenvolvidos investem em ciência porque há retorno (cada dólar rende até oito vezes mais), há protagonismo internacional, produção dos próprios medicamentos, alimentos mais baratos.

– Abrir mão desse investimento é condenar o Brasil à irrelevância mundial – diz o presidente da ABC.

País investe mal recursos

Apesar de investir em educação 5,7% do PIB, um percentual maior do que a média dos países desenvolvidos, o Brasil gasta, em comparação, pouco por aluno. O valor de US\$ 4,45 mil anuais que o governo brasileiro aplica por estudante na rede pública é 54% menor do que a média dos países membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Professor titular da Universidade de São Paulo (USP) e ex-presidente da Associação Nacional de Pesquisa em Financiamento da Educação (Fineduc), José Marcelino de Rezende Pinto diz que o Brasil precisa se esforçar por ter descuidado da educação durante tanto tempo. Resolvida a lição de casa, a tendência é de o gasto se estabilizar no patamar de 6% a 7% do PIB:

– Parece, e é, um valor elevado, mas para um país que arrecada 33% do PIB em tributos, é plenamente realizável dentro de um pacto nacional por educação de qualidade para todos.

Margareth Dalcolmo, pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz e membro do grupo de especialistas do Ministério da Saúde para a pandemia, critica a burocracia, citando o exemplo da dificuldade de importação de reagentes, e a descontinuidade dos financiamentos.

– Nossa capacidade de produção vem da adversidade – diz Margareth, cobrando também das empresas.

– O Brasil precisa comprar máscaras da China. Nossa indústria têxtil não consegue produzir esse insumo tão simples? Temos indústria farmacêutica forte, mas não produzimos princípios ativos para doenças endêmicas. Falta visão sanitária e de união no Brasil.

Para Luiz Engênio Mello, a adesão das empresas deveria ser mais incentivada. Os EUA têm legislação que fomenta aportes privados com abatimento do Imposto de Renda. No Brasil, esse modelo ainda é limitado.

GAÚCHAZH

Veja as entrevistas da série As Respostas da Ciência: gzh.rs/ciencia-serie